ENTRE AS LÍNGUAS E O FAZER LINGUÍSTICO: APROXIMAÇÕES INICIAIS ENTRE BENVENISTE E OS ESTUDOS DECOLONIAIS

BETWEEN LANGUAGES AND THE LINGUISTIC PRACTICE: AN INITIAL APPROXIMATION BETWEEN BENVENISTE AND DECOLONIAL STUDIES

Gabriela Barboza (FURG)
barboza.gabrielab@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6492-2926
Alessandra Nicolini (UFRGS)
alessandraumdois@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3411-6242
Larissa Colombo Freisleben (UFRGS)
larissacfreisleben@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2191-1730

***RESUMO**: O artigo tem por objetivo mostrar que é possível empreender uma leitura decolonial da teoria da linguagem de Émile Benveniste. Para tanto, apresentamos um panorama de estudos sobre decolonialidade com base sobretudo nos apontamentos de Severo (2016; 2017) e Mignolo (2017; 2021). Baseadas na reflexão desses autores, buscamos propor caminhos possíveis para realizar uma leitura decolonial em linguística. Ainda, adotamos a noção de esforços de descolonização (ANDREOTTI* et al*., 2015) como chave de leitura de posturas benvenistianas. Em seguida, abordamos traços da obra de Benveniste que permitem aproximações com a decolonialidade. Por fim, propomos um exercício de leitura do artigo "Categorias de pensamento e categorias de língua" (1958) para demonstrar como os esforços de descolonização se manifestam em suas análises, principalmente no que diz respeito à relação entre o universal e o particular linguístico. Esse itinerário de pesquisa nos leva a concluir que a decolonialidade é uma das questões que estão postas às/aos linguistas do tempo presente e, como tal, oferece-se como oportunidade de renovação das leituras até então feitas dos escritos benvenistianos.*

***PALAVRAS-CHAVE**: teoria da linguagem de Émile Benveniste; decolonialidade; esforços de descolonização; universal e particular linguísticos.*

***ABSTRACT**: This article aims to show that it is possible to advance a decolonial reading of Émile Benveniste's language theory. For this purpose, we present an overview of studies on decoloniality based mainly on Severo's (2016; 2017) and Mignolo's propositions (2017; 2021). Based on these authors, we seek to propose possible paths for advancing a decolonial reading in linguistics. In addition, we adopt the notion of decolonial efforts (ANDREOTTI* et al.*, 2015) as a reading key of Benvenistian postures. Furthermore, we approach traces of Benveniste's work that allow approximations with decoloniality. Finally, we propose a reading exercise of the article "Categories of thought and categories of language" (1958) to demonstrate how decolonial efforts manifest in his analysis, especially concerning the relationship between the linguistic universal and particular. This research itinerary leads us to conclude that decoloniality is one of the questions posed to linguists of the present time and, as such, it offers itself as an opportunity to renew the readings hitherto made of Benveniste's texts.*

***KEYWORDS**: Émile Benveniste's language theory; decoloniality; decolonization efforts; linguistics universal and particular.*

El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos.
La patria que construimos es una donde quepan todos los pueblos y sus lenguas,
que todos los pasos la caminen, que todos la rían, que la amanezcan todos.
Comité Clandestino Revolucionario Indígena, 2 de enero de 1996

1 Introdução

Esta reflexão, de caráter ensaístico, organiza-se em torno de uma pergunta: é possível empreender uma leitura decolonial da teoria da linguagem de Émile Benveniste? Talvez essa indagação pareça, de início, inadequada: o leitor que chega por intermédio dos estudos decoloniais pode interrogar-se sobre os motivos que levam uma discussão que tomou corpo no âmbito dos estudos culturais a integrar o arcabouço teórico de um trabalho em linguística, ao passo que o leitor que chega por meio dos estudos da linguagem pode questionar-se, com razão, sobre a real viabilidade de realizar uma leitura decolonial de um autor que jamais se filiou a essa linha de pensamento. Poderia, ainda, questionar sobre a pertinência, para os estudos linguísticos, de empreender tal leitura dos escritos benvenistianos. Essas e outras indagações também nos assolaram enquanto escrevíamos este trabalho. Por elas atravessadas, fomos surpreendidas quando, muito recentemente e com a reflexão já em curso, deparamo-nos com o

artigo “Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial” (2021)[1], de Walter Mignolo, referência nos estudos decoloniais na América Latina, que se vale de noções benvenistianas para pensar seus estudos.

Em linhas gerais, Mignolo vale-se da noção de aparelho formal da enunciação proposta por Benveniste com o intuito de "explicar a produção de conhecimento e o diferencial do poder global nessa produção" (MIGNOLO, 2021, p. 46). Embora a reflexão de Mignolo seja bastante diferente da que propomos aqui, o fato de esse autor operar com certas noções de Benveniste, como *enunciação* e *subjetividade*, para pensar os discursos colonial e decolonial, é bastante relevante, pois revela a amplitude da obra do linguista enquanto ponto de partida para se pensar questões que, em princípio, não são diretamente tratadas por ele.

Há, no campo da linguística, trabalhos bastante robustos e absolutamente relevantes em torno de perspectivas críticas e/ou decoloniais. A relação entre estudos linguísticos e decolonialidade é, portanto, algo relativamente estabelecido, ainda que tal relação nem sempre esteja explicitada pelos próprios autores em seus trabalhos. As abordagens elaboradas pelos pesquisadores e seus grupos são, cada uma a seu modo, pontos de inflexão a determinadas práticas sociais hegemônicas que colocam em jogo as questões da língua, das línguas e seus sujeitos, e as relações de poder em torno disso. De modo geral, a perspectiva decolonial ligada aos estudos linguísticos encontra maior desenvolvimento nas pesquisas de linguística aplicada[2]. Contudo, considerando-se a necessidade da soma de esforços de todas as frentes possíveis em torno da construção de teorias e práticas cada vez mais decolonizadas e decolonizantes, julgamos que autores e pesquisas de outros campos da linguística também podem contribuir para a construção de uma ética do fazer linguístico compatível com as demandas do tempo presente. Este é o caso, ao nosso ver, de Émile Benveniste.

Em consonância com a proposta do presente número da revista *Organon* — que pretende, a partir de seus artigos, subsidiar o alargamento de quadros epistemológicos hegemônicos, “(re)legitimando outros modos de saberes a fim de que as diversas memórias e relações com o mundo se cruzem e se conjuguem para enriquecer as teorias do conhecimento e para transformar os imaginários” —, entendemos que há, no modo de fazer ciência de

[1] Publicado em 2009 na revista *Theory, Culture and Society* sob o título “Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom”, o artigo foi traduzido por Isabella B. Veiga e publicado na *Revista X*, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2021, ampliando sua difusão entre o público brasileiro.

[2] Tomem-se, como exemplos, a linguística aplicada crítica de Rajagopalan (2003), a linguística *queer* de Borba (2015; 2020), as pesquisas sobre racismo linguístico de Nascimento (2019), a linguística aplicada INdisciplinar de Moita Lopes (2006; 2022), a perspectiva de políticas linguísticas críticas e direitos linguísticos de Severo (2016; 2017) — para citar apenas alguns trabalhos produzidos no Brasil.

Benveniste, pontos de vista sobre a língua e as línguas que, na atualidade, poderiam ser entendidos como crítico-reflexivos e/ou decoloniais.

Longe de estabelecer uma leitura essencialista e anacrônica da teoria da linguagem de Benveniste em relação à decolonialidade, compreendemos que revisitar os saberes estabelecidos em determinadas comunidades de práticas científicas nos permite, além de retomar conceitos basilares do campo, principalmente, "surpreender algo que passou despercebido da geração que com ele conviveu, ou, ainda, de (re)capturar, da perspectiva privilegiada do presente, *o prenúncio do que seria considerado genial anos depois*" (ALTMAN, 2013, p. 21, grifos nossos). Mais do que possível, observar os textos benvenistianos desde uma perspectiva decolonial é um percurso necessário para que o imaginário sobre sua teoria da linguagem se amplie e para que as pesquisas em torno do linguista se enriqueçam com chaves de leitura que buscam verificar como o linguista pode contribuir para as demandas do tempo presente, para uma linguística atenta às questões do século vivido.

Para esboçar uma resposta à pergunta que originou esta pesquisa, organizamos o artigo da seguinte forma. Na primeira seção, buscamos definir elementos-chave para estabelecer a discussão, neste trabalho, em torno dos estudos decoloniais, apresentando um panorama de alguns estudos da área e buscando propor alguns caminhos possíveis para empreender uma leitura decolonial em linguística a partir principalmente de Mignolo (2017; 2021) e Severo (2016; 2017). Além disso, adotamos a noção de *esforços de descolonização* (ANDREOTTI *et al*., 2015) como uma chave de leitura possível da obra de Benveniste. Na seção seguinte, tratamos de aspectos relevantes ligados à vida e à obra de Benveniste que possibilitam conjecturar aproximações, através da noção de esforços de descolonização, entre o linguista e os estudos decoloniais. Por fim, desenvolvemos uma proposta inicial de leitura, considerando a aproximação com a decolonialidade, do artigo "Categorias de pensamento e categorias de língua*"* (2005). Cabe ressaltar, ainda, que pretendemos fornecer pistas de reflexão, em um exercício de experimentação de novas leituras possíveis para a linguística de nosso tempo, sem pretensão de encerrá-las aqui ou de promover proposições categóricas sobre a obra benvenistiana ou sobre leituras decoloniais em linguística.

2 Decolonialidade e esforços de descolonização

A decolonialidade, segundo Mignolo (2017, p. 13), deve ser entendida a partir de "uma tríade que nomeia um conjunto complexo de relações de poder", a saber:

modernidade/colonialidade/decolonialidade. A *modernidade*, narrativa hegemônica do Ocidente, é a retórica por trás dos relatos de salvação e progresso que justificariam as violências produzidas pela colonialidade. Heller e McElhinny (2017) apontam como exemplos os processos de colonização que implicaram o genocídio de povos originários e seu epistemicídio em consequência da imposição de línguas e culturas advindas da metrópole. A *colonialidade,* por sua vez, é um padrão de relações de poder que se esconde na retórica da modernidade (MIGNOLO, 2017) e que perdura até hoje, sobretudo em instituições coloniais, como a escola e a universidade. Isso porque, conforme apontam Heller e McElhinny, ao definir os "eus" e os "outros" em diferentes níveis de soberania e diferenciação, o colonialismo determina "que alguns são vistos como capazes, em maior ou menor grau, de governar-se a si próprios e outros não, e que diversas ideias são desenvolvidas para racionalizar por que alguns são vistos como mais capazes do que outros e para justificar a dominação de uns por outros" (HELLER; McELHINNY, 2017, p. 31, tradução nossa)[3].

A *decolonialidade*, por sua vez, "é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade" (MIGNOLO, 2017, p. 13). Assim sendo, com Heller e McElhinny (2017, p. 31, tradução nossa)[4], entendemos que a decolonização ocorre "quando as pessoas desafiam a legitimidade do colonialismo e estabelecem sua própria soberania política". Trata-se, assim, de uma tríade na medida em que a compreensão de uma dessas noções — *modernidade, colonialidade, decolonialidade* — convoca as demais para nomear uma rede de relações de poder estratificadas que produzem efeitos na ordem do simbólico — inerente às atividades linguageiras —, mas também do político-econômico — atrelado às políticas linguísticas e educacionais, por exemplo.

É importante ressaltar que, de acordo com Mignolo (2017), a decolonialidade não se propõe como um novo universal a superar os universais que a antecederam, tampouco é a única resposta à colonialidade[5]. A decolonialidade é, antes, uma alternativa, tendo como horizonte o ato de questionar a legitimidade una da epistemologia rumo à construção de um pensamento fronteiriço, o qual Mignolo (2017) assinala ser a singularidade de todo projeto decolonial. Esse

[3] "This means that certain people are seen as capable, to greater or lesser extents, of governing themselves and others are not, and that various ideas are developed to rationalize why some people are seen as more capable than others and to justify domination of some by others.".

[4] "When people challenge the legitimacy of colonialism and establish their own political sovereignty it is called decolonization [...]"

[5] Tome-se como exemplos os esforços dos estudos pós-coloniais, como os de Aimé Césaire (1978), Franz Fanon (2020), Gayatri Spivak (2010) e Homi Bhabbha (1998).

pensamento fronteiriço, ou epistemologia fronteiriça, interessa-se pelo ser humano (*anthropos*) que tenta resistir ao discurso da modernidade e da civilização europeias (*humanitas*), ainda que dele não possa escapar. É uma política do conhecimento fundada sobre as histórias locais, marcadas, por sua vez, pela colonialidade. É a cisão que está acontecendo, na medida em que o indivíduo "que habita lugares não europeus descobriu que ele ou ela havia sido inventado" por um "*lócus* de enunciação autodefinido" (MIGNOLO, 2021, p. 26, grifo do autor) pelo indivíduo europeu.

Entre o conjunto complexo de relações de poder desvelado por Mignolo (2017) e representado pela tríade *modernidade/colonialidade/decolonialidade*, entendemos, acompanhadas por Severo (2016; 2017), que se encontram as origens da linguística moderna, nascida no seio do imperialismo como parte fundamental do projeto colonial de invenção das línguas para sua descrição e explicação sob a égide da episteme eurocentrada e das línguas europeias. Daí nasce a pretensão universalista, generalista e essencialista dessa linguística, bem como de algumas metalinguagens "que submeteram as práticas linguísticas dos povos colonizados a determinados modelos epistêmicos (e políticos) que ajudaram a configurar aquelas práticas como exóticas, selvagens, simplificadas etc." (SEVERO, 2017, n. p.).

Severo (2017) apresenta críticas pós-coloniais à linguística: em primeiro lugar, a colonialidade é marcada pela "aplicação de um modelo epistemológico comum — descritivo e/ou explicativo — a todos os fenômenos, apagando o percurso histórico das singularidades locais" (SEVERO, 2017, n. p.). Na linguística moderna, segundo a autora, observa-se um modelo geral e universalista de descrição das línguas, marcado pela matematização, pela hierarquização, pelo raciocínio indutivo e pela tentativa de formalização — em suma, pelo discurso próprio das ciências modernas (SANTOS, 1988).

Em segundo lugar, Severo (2017) assinala que o contexto europeu é selecionado como fundamento da história geral da linguística, com destaque para línguas greco-latinas e europeias, à parte o sânscrito, em caráter de excepcionalidade. Por fim, a excepcionalidade é encarada como forma de relativismo, já que, embora se busque reconhecer as especificidades geopolíticas e culturais, hierarquiza-as e as subordina ao padrão europeu, entendido como modelo.

Jürgen Trabant (2020) tem um posicionamento semelhante ao de Severo em alguns aspectos, mas apresenta perspectiva relativamente diferente no que diz respeito à relação do colonialismo com a linguística. Em sua linha argumentativa, considera incontestável que o colonialismo é a premissa do encontro dos europeus com os povos "fora do eixo"; logo, é

possível afirmar que "sem colonialismo não teríamos a linguística" (TRABANT, 2020, p. 81). Entretanto, o linguista defende firmemente que "nem por isso, a linguística se torna colonialista. O que de fato ocorre é o contrário: ela é um passo decisivo a caminho da descolonização, porque respeita e celebra a alteridade dos seres humanos" (TRABANT, 2020, p. 81).

A ideia de "passo a caminho da descolonização" apresentada por Trabant joga luz para o fato de que a decolonização é um caminho a ser percorrido, portanto um processo e não produto. Nesse sentido, a decolonialidade, antes de ser uma inflexão teórica academicamente situada em torno dos estudos culturais, é uma *prática* (portanto, ligada a ações, eventos, posturas) insurgente diante das formas tradicionais de produção de conhecimento. Como prática, está em movimento, em constante construção, sujeita a revisão, reconfiguração. Como *prática insurgente,* ao apresentar alternativas à compreensão do mundo contemporâneo, coloca "dois mundos" em fricção, pois, de certo modo, desestabiliza o já estabelecido e enraizado. Além disso, ela pode ser percebida em atividades que não necessariamente se filiem aos estudos decoloniais. Dito de outro modo, não é preciso assumir-se decolonial para ter posturas nesse sentido.

Com base nas críticas e demais considerações reunidas até aqui, promovemos deslocamentos a partir, sobretudo, de Mignolo (2017; 2021) e Severo (2016; 2017), para propor alguns caminhos possíveis para empreender uma leitura decolonial em linguística, organizados em cinco itens. O primeiro deles trata de que é preciso (1) *transformar os termos da conversa*, não seu conteúdo, o que não significa dizer que, mais cedo ou mais tarde, o conteúdo não será tocado pela mudança de paradigma da relação que se estabelece com, no caso do linguista, o fenômeno de linguagem estudado.

Somado a isso, faz-se necessário (2) *pensar habitando a fronteira moderna/colonial*, estando atento a esse lugar e à sua influência sobre as relações de poder que o linguista estabelece com seu objeto de estudos, sua pesquisa, outros linguistas e, até mesmo, a linguística em si. Essa pista conduz à (3) *desobediência epistêmica*, que significa buscar outras formas de entendimento e de ação sobre o mundo que não apenas a ciência ocidental, submetendo a racionalidade europeia à crítica decolonial em busca das condições políticas de produção dos saberes na modernidade. A epistemologia eurocentrada, profundamente relacionada ao paradigma dominante no discurso das ciências modernas (SANTOS, 1988), fabricou conhecimentos e, nesse processo, apagou suas próprias localizações e biografias, promovendo um efeito de universalidade e neutralidade (MIGNOLO, 2021). Diante dessa ilusão sedimentada nos imaginários colonizados, a "desobediência epistêmica significa desvincular-

se da ilusão da epistemologia do ponto zero" (MIGNOLO, 2021, p. 26).

Ao ser epistemologicamente desobediente, coloca-se a importância de (4) *reconhecer que os supostos universais teóricos nada têm de universais; são, antes, regionais e bem definidos*, uma vez que privilegiam o cenário europeu. Afinal, universos de sentido estão atrelados a narrativas que pertencem a esse mesmo universo e que são, sempre, fabuladas por indivíduos geopolítica e socioculturalmente situados (MIGNOLO, s. d). Logo, uma leitura que se proponha decolonial deve (5) *não dissociar sujeito de objeto*, como, por exemplo, o pesquisador de sua pesquisa, uma vez que o cientista já não pode ser um sujeito conhecedor etéreo (MIGNOLO, 2021), supostamente apartado do lugar e do tempo em que viveu, isto é, de um espaço-tempo marcado por entraves geopolíticos e socioculturais.

Com base no que foi discutido até o momento, e para dar alguns encaminhamentos ao nosso trabalho, alinhamos nosso posicionamento ao de Rezende *et al.*, que trata a postura decolonial não como uma totalidade homogênea, pois, "[...] não temos condições de ser ou de realizar uma formação plenamente decolonial" (REZENDE *et al.*, 2020, p. 21). Considerando a impossibilidade de ser totalmente decolonial, julgamos adequado adotar, a respeito da ligação de aspectos decoloniais à teoria da linguagem de Benveniste, o conceito de *esforços de descolonização* proposto por Andreotti *et al*. (2015) como chave de leitura. Esse conceito diz respeito a tentativas, em contextos de colonialidade, de decolonizar-se, o que está intimamente ligado à ideia de decolonialidade enquanto prática. Se a decolonialidade é uma prática, cada ação crítica em relação ao universo colonialista e colonizado pode ser vista como um esforço de decolonização. Ainda que Benveniste não tenha jamais se filiado a essa epistemologia fronteiriça, como destacamos anteriormente, notamos, ao aproximar as reflexões decoloniais do pensamento do linguista, diversos esforços de descolonização que se alinham, em maior ou menor medida, aos caminhos possíveis para se empreender uma leitura decolonial em linguística, propostos anteriormente: alteração dos termos da conversa, pensamento que transita entre as bordas da colonialidade/modernidade, certa desobediência epistemológica, desestabilização do conceito de universais, indissociabilidade de sujeito e objeto. Isso tudo se apresenta, de algum modo, em suas posturas diante das análises e das teorizações sobre os mais diferentes objetos de estudo sobre a língua.

A aproximação de Benveniste à decolonialidade a partir da chave de leitura *esforços de descolonização* nos permite, ao tratar de aspectos da figura de Benveniste e do paradigma

científico em que ele se situa[6], evidenciar suas tentativas de decolonização em meio a um contexto de colonialidade, na medida em que linguistas não escapam de fomentar práticas colonizadoras sobre fenômenos linguísticos. Com isso, livramo-nos do pensamento essencialista que colocaria Benveniste como pertencente ou não ao campo dos estudos decoloniais, afirmação que, dado o contexto de produção do autor e das teorias decoloniais, seria impossível de fazer.

Considerando a premissa de "questionar os saberes a partir dos pertencimentos", defendemos que retomar os escritos de Benveniste com uma nova chave de leitura — *esforços de descolonização* — seja propor, em alguma medida, uma revisão da consolidação da linguística como disciplina fundada sobre bases coloniais e imperialistas. Interrogar-se sobre a forma colonialista de um campo e de um autor é romper com uma narrativa única e oferecer alternativas para certa lacuna que ainda não nos permite ver com nitidez, para além da linguística aplicada, uma linguística crítica e decolonial. Diante disso, questionamo-nos: desde um contexto da colonialidade, como Benveniste coloca em funcionamento posturas hoje entendidas como *esforços de descolonização* em suas práticas científicas? É o que buscaremos demonstrar nas seções subsequentes.

3 A diversidade das línguas e a ética do fazer linguístico: rastros de esforços decoloniais em Benveniste

Dado o caráter interdisciplinar do número desta revista, consideramos importante apresentar ao leitor uma breve contextualização a respeito de Benveniste. Parafraseando Flores (2023) a respeito de Saussure, explicitamos informações sobre a vida de Benveniste que sejam relevantes para compreender suas teorizações.

Ezra Benveniste (1902-1976), nascido em uma comunidade judaica em Alepo, na Síria (país que, até 1922, esteve sob comando do Império Otomano), passou a se chamar Émile Benveniste quando foi naturalizado francês, em 1924. Desde a infância, Benveniste esteve inserido em contexto de multilinguismo, em contato com línguas como árabe, francês, russo, hebraico, turco e ladino, entre outras. Considerado um dos mais importantes linguistas do século

[6] O uso das noções de *figura* e *paradigma*, aqui, inspira-se no trabalho de Jean-Claude Milner (2008), em que o autor busca compreender o estruturalismo europeu. Para tanto, Milner (2008) faz estudos específicos de alguns autores (as figuras) que constituíram o estruturalismo para, em seguida, buscar reconstituir o paradigma científico. Tal escolha justifica-se porque, como observa Milner (2008, p. 8, tradução nossa), "o programa de pesquisas estruturalista não preexistia aos sujeitos".

XX, Benveniste tem uma obra vasta, que trata de assuntos diversos e que frequentemente foi lida de forma fragmentada, algo bastante comum com autores cujas reflexões ultrapassam as restrições de um único campo do saber. Embora seja amplamente conhecido como o grande autor da linguística da enunciação, seus 18 livros, 291 artigos e 300 resenhas (MOÏNFAR, 1992) tratam de temas diversos.

Seu contato precoce com um vasto número de línguas (devido ao contexto familiar, mas também ao contexto geopolítico) foi o que deu início a um dos epítetos pelo qual o linguista é conhecido: Benveniste é o linguista das línguas (BARTHES, 2004). Embora essa adjetivação pareça banal, pois se supõe que linguistas se interessem por línguas, não há nada de corriqueiro quando se trata do estudo das línguas em Benveniste. Como parte de sua pesquisa de doutoramento, Sara Hoff (2023) empreendeu uma profunda investigação ao inventariar o número de línguas citadas pelo linguista ao longo de onze de seus livros. A linguista chega a um número espantoso: 470 línguas são registradas no inventário de Hoff. Independentemente do modo como elas são abordadas em cada um de seus textos, há, nesse número expressivo, um ponto importante, que não pode ser ignorado: a diversidade das línguas é uma questão imprescindível às proposições de Benveniste. "É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas." (BENVENISTE, 2005, p. 20).

Em torno da intensa defesa da diversidade das línguas feita por Benveniste, encontramos outros aspectos que merecem destaque. Um deles diz respeito ao fato de que o linguista sírio-francês desenvolveu forte interesse por línguas para além das europeias. A dimensão de sua pesquisa de línguas diversas compreende um raio que vai desde a Ásia Central[7] (região que compreende países e parte de países como Cazaquistão, China, Rússia, Irã, Afeganistão e outros), passa pelo Alasca, na América do Norte, com estudos, por exemplo, das línguas hada, tlingit e esquimó, e chega, inclusive, pelo diálogo com Claude Lévi-Strauss, ao Brasil, com línguas como guató, nambikwara e kepkiriwát (JOSEPH; LAPLANTINE; PINAULT, 2020).

Pela amplitude geográfica de línguas de seu interesse, já é possível observar uma certa reconfiguração do eixo hegemônico de línguas consideradas, pela colonialidade, como "superiores". A propósito da pretensa superioridade de uma língua em relação a outra, Benveniste responde que essa questão é exterior à linguística, uma vez que essa ciência " não conhece uma língua 'boa' ou uma língua 'melhor' que outra", e explica que somente à

[7] Livros como *Textes sogdiens, Vessantara Jakata* e outros dão conta, a partir de manuscritos coletados pela missão Paul Pelliot, de línguas como sogdiano, chinês, tibetano etc. (cf. HOFF, 2023, p. 231).

linguagem (e não à língua), entendida como o conjunto das atividades individuais e coletivas, "pode convir a qualificação 'bom', 'melhor', mas, sem a língua, essas atividades não poderiam nem mesmo se enunciar" (BENVENISTE *apud* FENOGLIO, 2019, p. 260). É relevante citar que Benveniste nutre um interesse especial pelas línguas ameríndias[8]: Laplantine (2020) destaca o interesse do "linguista de campo" pelo trabalho de Franz Boas, cujos estudos serviram para despertar linguistas e etnólogos para a necessidade de um descentramento de suas proposições a partir da tomada de consciência de seu próprio olhar e da percepção de que certas categorias não poderiam ser projetadas nessas línguas.

Na entrevista "Esta linguagem que faz a história", ao responder a Guy Dumur a respeito das relações entre a linguística e outras ciências, entre a linguística e gramática comparada, Benveniste reposiciona o papel das línguas indo-europeias como os únicos modelos possíveis sobre os quais se erguem teorizações sobre a língua. O linguista conta que, no início do século XX, estudiosos americanos afirmam que a linguística que se fazia à época na Europa era bastante parcial, uma vez que tomava somente as línguas da família indo-europeia como padrão para suas teorizações linguísticas, e traz a "voz" dos americanos: "Há uma multidão de línguas que escapam a suas categorias" (BENVENISTE, 2006, p. 35). Para ele, receber

> [e]sta advertência foi muito útil e estas línguas, notadamente as línguas indígenas da América que tenho pessoalmente estudado, são muito instrutivas porque elas nos fazem conhecer tipos de categorização semântica e de estrutura morfológica nitidamente diferentes daquelas que os linguistas formados na tradição clássica consideravam como inerentes ao espírito humano (BENVENISTE, 2006, p. 35).

A busca pessoal de Benveniste por línguas diferentes daquelas da hegemonia europeia demonstra uma tentativa de romper, ou pelo menos de alinhar seus estudos a parâmetros menos totalizantes a respeito da língua. Parece-nos adequado considerar que o interesse de Benveniste pelas línguas ameríndias não é pequeno ou despretensioso: o estudo dessas línguas leva o linguista a analisar seu próprio olhar e a repensar certas categorias de língua e de pensamento como não universais (LAPLANTINE, 2013). Dito de outro modo, o acesso e o estudo a essas línguas "fora do eixo" propiciou uma mudança de postura do linguista diante de seu fazer linguístico.

No que diz respeito aos pontos de aproximação de Benveniste dos estudos decoloniais, constatamos, com base no que apresentamos e discutimos até aqui, que o lugar que esse

[8] O sintagma "línguas ameríndias" é adotado, neste trabalho, em função de termos optado por manter o termo usado por Benveniste nos textos aqui discutidos.

linguista confere à diversidade das línguas em sua teorização pode ser lido como um *esforço de descolonização*, uma vez que as línguas funcionam como interrogantes para questionar categorias eurocentradas e também as tarefas do linguista e da linguística. No caso ora debatido, a decolonialidade interessa na medida em que contribui para uma ética do fazer do linguista: seu tratamento das línguas, da língua e da linguagem, o estatuto que lhes confere, o lugar concedido ao falante por parte do linguista etc.

A respeito da ética do fazer do linguista, Flores (2021), a partir da reflexão de Sylvain Auroux, destaca que não basta pensar apenas em uma ética geral de pesquisa que contemplaria todas as ciências, mas em como essa ética é praticada no cotidiano disciplinar da linguística. Flores destaca que Auroux, em seu texto, cita como exemplo a gramatização vernacular, processo que esteve ligado aos processos de colonização e que frequentemente ignorou o conhecimento linguístico dos povos colonizados, comparando-a à relação entre o desenvolvimento da física nuclear e a corrida armamentista. No entanto, ainda segundo o pesquisador da história das ideias linguísticas, se outras ciências parecem se interessar pelas consequências da pesquisa que fazem, isso não parece se aplicar à linguística, que aparenta não levar em conta os efeitos de sua técnica e tampouco considerar os desdobramentos éticos de seu fazer.

Como dito anteriormente, na direção oposta ao que ocorre com as outras ciências, que costumam ter interesse pela repercussão de seus achados científicos, a linguística parece "acometida por um total desinteresse em relação às consequências de suas descobertas" (FLORES, 2021, p. 148). Flores prossegue seu argumento e considera que a concepção, corrente na linguística, de que a cientificidade dessa ciência somente estaria assegurada se se abdicasse do seu contato com o seu real, "tem, entre suas consequências, a ausência do linguista da discussão de vários temas políticos e sociais sobre os quais a linguística poderia ter muito a dizer" (FLORES, 2021, p. 148).

Apesar de haver essa postura predominante, na linguística, de certo descolamento entre o objeto e sua realidade, Flores joga luz a elementos teóricos e analíticos que Benveniste oferece à construção de uma ética da prática linguística que questione e reveja a própria prática, e que também, se necessário, reformule a teoria; isso é feito a partir de, principalmente, seus trabalhos de análises de línguas dos mais diferentes tipos. Para o linguista brasileiro, a ética da prática linguística adotada por Benveniste está ligada ao "reconhecimento que de sua prática pode advir um saber que tem efeito para além do aparato metodológico do qual ela faz parte" (FLORES, 2021, p. 164).

É com a ideia de valorização da diversidade das línguas e de proposição de uma ética do fazer linguístico nas proposições de Benveniste que, na seção seguinte, esboçamos um exercício de leitura de um texto do linguista, a partir do qual buscamos demonstrar como aparecem, nas análises de língua empreendidas pelo linguista, os *esforços de descolonização*, as tentativas de ruptura diante do estabelecido.

4 Um exercício de leitura: "Categorias de pensamento e categorias de língua" (1958)

Neste item, gostaríamos de empreender o que chamamos de exercício de leitura de aspectos de um artigo de Benveniste. Conforme observamos nas seções precedentes, há diversos aspectos da obra do linguista que poderiam ser lidos sob a ótica dos *esforços de descolonização* (ANDREOTTI *et al.*, 2015). Um dos elementos já mencionados é como a diversidade das línguas cumpre um papel importante na problematização — frequente — que o linguista faz de questões aparentemente resolvidas ou consolidadas nos estudos linguísticos. No artigo sobre o qual decidimos empreender nossa leitura, observamos como a consideração da diversidade das línguas leva o linguista a fazer questionamentos e problematizações sobre categorias aparentemente assentadas nas teorias linguísticas de sua época. Vamos ao texto.

No texto "Categorias de pensamento e categorias de língua", publicado originalmente em 1958 na revista *Les études philosophiques* (ou seja, é um artigo publicado em uma revista de outro campo do saber) e que figura na segunda parte da coletânea *Problemas de linguística geral I*, intitulada "A comunicação", Benveniste reflete sobre uma grande questão tanto para os estudos linguísticos quanto para a filosofia: a relação entre língua e pensamento.

Benveniste inicia o artigo observando que existem duas características em comum a todos os usos que fazemos da língua: (1) a realidade da língua permanece inconsciente para os falantes; (2) é possível dizer tudo o que queremos e como queremos (BENVENISTE, 2005, p. 68). Dessas duas especificidades, observa o linguista, advém a convicção de que pensar e falar são duas atividades distintas. No entanto, Benveniste constata que, embora a língua seja usada para transmitir o que se quer dizer, é bastante difícil definir qual é o conteúdo do pensamento em si mesmo: isso porque o pensamento só recebe forma quando é enunciado (BENVENISTE, 2005, p. 69). Essa reflexão o leva a afirmar que a forma da língua não é apenas a condição de transmissão dos pensamentos, mas a condição de sua *realização*, uma vez que um pensamento que não passe pela língua é reduzido a algo vago e indiferenciado (BENVENISTE, 2005, p. 69).

Assumindo, então, que pensamento e língua são termos mutuamente necessários, resta a questão de compreender qual é a relação entre ambos. Para Benveniste, trata-se de uma relação mais complexa do que uma relação continente/conteúdo, já que o "continente" em questão (a língua) não pode ser imaginado vazio de conteúdo, e o "conteúdo" (o pensamento) não pode ser imaginado independentemente de seu continente (BENVENISTE, 2005, p. 70). Para estabelecer tal relação, o linguista se indaga sobre as características próprias do pensamento: se é possível descrever a língua em si mesma, seria também possível descrever o pensamento?

Para tratar de tal questão, Benveniste propõe uma abordagem por meio de categorias: categorias de pensamento e categorias de língua. Em um primeiro momento, identifica algumas questões gerais: é possível especificar as categorias de pensamento e instaurar novas, enquanto as categorias de língua não são modificáveis; as categorias de pensamento são universais, enquanto as categorias de língua são sempre de uma língua particular. Em seguida, Benveniste se volta para uma situação concreta: analisar as clássicas categorias de Aristóteles[9], que julgava serem os predicados que se pode afirmar do ser (BENVENISTE, 2005, p. 71).

A tese de Benveniste, no texto em questão, é a seguinte: "essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que, de fato, Aristóteles, 'raciocinando de maneira absoluta' reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa" (BENVENISTE, 2005, p. 71). Ou seja: Benveniste pretende mostrar que as categorias fundadas por Aristóteles e tomadas como universais da linguagem são, na realidade, categorias de uma língua específica (o grego), e que, portanto, não há nada de universal em tais categorias.

Para demonstrar a afirmação de que as categorias aristotélicas são particulares e não universais, Benveniste aponta que cada uma delas corresponde a uma categoria linguística da língua grega. Por exemplo: a categoria proposta por Aristóteles como "substância" ou "essência" é caracterizada como aquela que responde à pergunta "o quê?" indicando objetos como "homem" ou "cavalo" — ou seja, substantivos (BENVENISTE, 2005, p. 71). As categorias "fazer" e "sofrer", cujos exemplos são, respectivamente, "corta, queima" e "é cortado, é queimado", correspondem à voz ativa e à voz passiva. Resumimos, no quadro a seguir, as relações estabelecidas pelo linguista (os exemplos do grego encontram-se traduzidos

[9] Com o intuito de categorizar o mundo sensível para ordená-lo racionalmente, em sua obra intitulada *Organon*, Aristóteles estabelece dez categorias segundo as quais qualquer ser pertencente a esse mundo poderia ser descrito e, por extensão, compreendido.

para o português) entre as categorias propostas pelo filósofo e as categorias de classificação da língua grega:

Quadro 1 - Comparação entre as categorias de Aristóteles e categorias linguísticas do grego

Categorias de Aristóteles	**Categorias do grego**		**Exemplos**
substância/essência	formas nominais	substantivos	homem, cavalo
quanto		adjetivos derivados de pronome	os dois côvados, os três côvados
qual		adjetivos derivados de pronome	branco, instruído
relativamente a que		adjetivos comparativos	duplo, meio, maior
onde		advérbios de lugar	no Ginásio, no mercado
quando		advérbios de tempo	ontem, no ano passado
estar em posição	formas verbais	verbos médios	está deitado, está sentado
estar em estado		perfeitos	está calçado, está armado
fazer		voz ativa	corta, queima
sofrer		voz passiva	é cortado, é queimado

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Benveniste (2005).

A partir dessa demonstração, é possível verificar a correspondência entre as categorias identificadas por Aristóteles e as categorias do grego. Ao apontar que o filósofo *raciocina de maneira absoluta* nos termos da língua na qual pensa, o linguista observa que a generalização feita do estudo de um objeto recortado sem, contudo, demarcar os limites desse objeto e de seu método de análise — no caso, sem identificar que se tratam de categorias da língua grega — gera um mal-entendido, que passa a ser seu material de reflexão no escrito em questão. A esse respeito, note-se: ao fazê-lo, Benveniste não visa uma superação das categorias de Aristóteles ou sua substituição por novas categorias naquilo que poderia vir a ser uma busca pela "verdadeira" universalidade das categorias de pensamento; em nossa leitura, trata-se, antes, de proceder, através de um *esforço de descolonização*, com certa *desobediência epistemológica*, em uma leitura crítica sobre categorias tidas como relativamente estáveis/estanques que, inclusive, orientaram a sistematização das gramáticas greco-latinas séculos mais tarde.

Uma vez que Aristóteles figura no cânone da filosofia, da literatura e da gramática ocidentais, não seria de se espantar que um linguista tomasse suas proposições — incluídas aí as de categorias de pensamento e categorias de língua — para categorizar todas as línguas,

restringindo à exceção aquelas que não se enquadrassem nas categorias aristotélicas. Benveniste, entretanto, procede de outra maneira. Parte de noções aparentemente consolidadas entre os linguistas de sua época e falseia-as, colocando-as à prova de sua atenta análise. Assim, abre mão de qualquer dicotomização ou simplificação. Em outras palavras, a "verdade" não está dada em Aristóteles, assim como não está em nenhum autor; é preciso submetê-la à prova da diversidade das línguas. Neste ponto, a atenção volta-se sobre *habitar a fronteira moderna/colonial* e refletir sobre sua influência nas *relações de poder* que os linguistas estabelecem com seus campos de atuação.

Além disso, há uma outra questão apontada pelo linguista: todas as categorias de Aristóteles dependem de uma noção de "ser" que também corresponde a uma especificidade de língua: isso porque, em grego, o verbo "ser" tem uma dupla função[10] — exprime a noção lexical de "existência" e também é utilizado com função de cópula[11]. Para provar que se trata de um fato de uma língua específica, Benveniste apresenta a língua *ewe*[12], na qual a noção de "ser" está repartida em muitos verbos. No quadro a seguir, resumimos, a partir da reflexão do linguista, quais as noções associadas a cada um dos cinco verbos em *ewe* que correspondem ao verbo "ser" em grego:

[10] cf. "Ser e ter em suas funções linguísticas" (publicado originalmente em 1960, no *Bulletin de la Societé de linguistique*, e republicado no PLG I).

[11] A função de cópula é exercida por verbo que liga o predicativo ao sujeito da oração, sendo, por isso, chamados de verbos copulativos, predicativos ou de ligação.

[12] Também conhecida como gege, jeje ou daomeano, trata-se de uma língua da família linguística Níger-Congo, falada por povos da região do Togo, Gana e Benim, na África. No Brasil, tanto a língua quanto o povo são conhecidos como gege, pois essa população foi vítima de migração forçada devido à diáspora de povos africanos durante o tráfico de escravizados. É importante salientar que a fonte de Benveniste sobre o *ewe* é Diedrich Westermann, um missionário e linguista alemão envolvido com empreitadas colonialistas/imperialistas da Alemanha em África. Essa informação chama a atenção por levantar a discussão em torno das práticas coloniais da linguística, seguindo a discussão já apresentada de Severo (2017).

Quadro 2 - Equivalentes verbais em ewe da noção de "ser" em grego

Verbo em *ewe*	**Noção**	**Exemplos**
nyé	identidade do sujeito e do predicado - *ser quem, ser o quê*	Não há.
le	existência situação ou localização	Mawu **le** → Deus existe e-**le** nyuei → ele está bem e-**le** a fi → ele está aqui
wo	fazer, cumprir, produzir um efeito	**wo** tsi → estar úmido
du	predica um termo de função	**du** fia → ser rei
di	predica uma qualidade física ou um estado	**di** ku → estar magro **di** fo → ser devedor

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Benveniste (2005).

A partir dessa comparação, observa-se que as funções que o verbo "ser" comporta em grego, das quais dependem as categorias de Aristóteles, não são universais, e o fato de que a língua *ewe* tem cinco verbos que correspondem à função de apenas um verbo em grego corrobora essa observação: as funções de "ser" em grego são "um fato próprio das línguas indo-europeias, e de nenhum modo uma situação universal nem uma condição necessária" (BENVENISTE, 2005, p. 79). No entanto, segundo Benveniste, a análise que ele mesmo operou da língua *ewe*, comparando-a com o grego, apresenta um problema: trata-se de uma relação estabelecida a partir de outras línguas — no caso, a partir do grego e de outras línguas nas quais *ser* tenha as mesmas funções —, e não no interior dos quadros do *ewe* (BENVENISTE, 2005, p. 79). No interior dessa língua, não há nenhuma aproximação sintática ou morfológica entre esses cinco verbos, entre os quais só é possível encontrar algo em comum partindo do ponto de vista de línguas como o grego:

> Essa descrição de estado de coisas em *ewe* comporta uma parte de artifício. Faz-se pelo prisma da *nossa* língua e não, como se deveria, nos quadros da própria língua. No interior da morfologia ou da sintaxe *ewe*, nada aproxima esses cinco verbos entre eles. É com relação aos nossos próprios usos linguísticos que lhes descobrimos qualquer coisa em comum. Mas aí está justamente a vantagem dessa comparação "egocentrista"; esclarece-nos sobre nós mesmos; mostra-nos, nessa variedade de empregos de 'ser' em grego, um fato próprio das línguas indo-europeias, e de nenhum modo uma situação universal nem uma condição necessária (BENVENISTE, 2005, p. 79, grifos do autor).

A análise de Benveniste leva-o a concluir que há duas ilusões ligadas à questão da relação entre língua e pensamento: a primeira é que o pensamento seria livre e autossuficiente,

utilizando a língua como um intermediário — o que é falso, já que, na tentativa de atingir categorias próprias de pensamento, apenas nos deparamos com quadros de língua; a segunda é que, por conta do caráter ordenado da língua, tem-se a impressão de que há, no sistema formal da língua, uma lógica inerente ao espírito, exterior e anterior à língua — o que também é falso (BENVENISTE, 2005, p. 79). Por fim, Benveniste chega à conclusão de sua reflexão sobre língua e pensamento: o pensamento não é independente da língua, já que sem língua não há pensamento; no entanto, o pensamento é independente das estruturas linguísticas particulares de uma língua.

Ao ser *epistemologicamente desobediente*, Benveniste não só reitera uma prática hoje apresentada como demanda pelos estudos decoloniais, como também *transforma os termos da conversa* ao distinguir o *universal* do *particular*, reconhecendo que pressupostos teóricos supostamente universais e aplicáveis a todas as línguas e a todas as culturas são, na verdade, *locais* e aplicáveis à língua grega e à cultura grega. Em outras palavras, defender que as categorias aristotélicas dizem respeito a uma língua específica (o grego) e não a todas as línguas corresponde a delimitar os contornos desse estudo, isto é, a situá-lo localmente, em relação a uma dada cultura, e não universalmente, em relação a todas as línguas e a todas as culturas. Com isso, o linguista não toca o *conteúdo* das categorias de Aristóteles, senão seu enquadramento epistemológico, procedimento possível por *não dissociar sujeito de objeto*: Aristóteles é um filósofo grego: pensa em grego, fala grego e faz filosofia em grego. Sua língua materna — bem como a de todo falante — é incontornável e situa localmente a reflexão do filósofo, na medida em que coloca a questão de que as categorias de pensamento são universais, ao passo que as categorias de língua são particulares.

4 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos evidenciar a possibilidade de uma leitura decolonial da teoria da linguagem de Émile Benveniste. Esse exercício se fundamentou em cinco movimentos, inspirados nas reflexões de Severo (2016; 2017) e Mignolo (2017; 2021), a saber: (1) transformar os termos da conversa, (2) pensar habitando a fronteira moderna/colonial, (3) ser epistemologicamente desobediente, (4) reconhecer que os supostos universais são saberes locais, e (5) não dissociar sujeito de objeto. Tomando aspectos de sua biografia relevantes para compreender sua produção científica e a análise do texto "Categorias de pensamento e categorias de língua", identificamos *esforços de descolonização* (ANDREOTTI *et al.*, 2015)

que vão ao encontro dos itens enumerados, mas que não esgotam as discussões que poderiam ser feitas sobre possíveis relações entre a obra de Benveniste e os estudos decoloniais. Veja-se, a título de exemplificação, a apropriação da noção de aparelho formal da enunciação proposto por Mignolo (2021).

Assim, concluímos que, em seus escritos, Benveniste não só interroga as línguas; ele deixa que as línguas o interroguem. Enquanto linguista, o mestre sírio-francês não atua como aquele que sabe e que lança seu olhar de conhecedor sobre um objeto (as línguas) a ele subordinado; antes pelo contrário: as línguas e seus falantes também sabem e também carregam sua história. Está posta a problemática da ética do fazer do linguista: uma prática realmente atenta deve estar disposta a ouvir o que as línguas e seus falantes têm a dizer. Se não uma linguística decolonial, essa seria, pelo menos, uma linguística disposta a realizar *esforços de descolonização* sobre sua epistemologia.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral. *In*: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. *Saussure* - a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-32.

ANDREOTTI, Vanessa de Oliveira *et al.* Mapping interpretations of decolonization in the context of higher education. *Decolonization:* Indigeneity, Education & Society, Toronto. v. 4, n. 1, p. 21-40, 2015. Disponível em: https://jps.library.utoronto.ca/index.php/des/article/view/22168. Acesso em: 19 mar. 2023.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I.* Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II.* 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BORBA, Rodrigo. Linguística queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Revista Entrelinhas*, São Leopoldo, n. 9, v. 1, p. 91-107, 2006 [2015].

BORBA, Rodrigo (Org.). *Discursos transviados:* por uma linguística queer. São Paulo: Cortez, 2020.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste:* a gênese de um pensamento. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023. FLORES, Valdir do Nascimento. A ética do linguista. *In*: SILVA FILHO, Jomson (Org.). *(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.* São Carlos: Pedro & João editores, 2021. p. 141-168. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/2022/wp-content/uploads/2022/01/Releituras-1.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

HELLER, Monica; McELHINNY, Bonnie. *Language, capitalism, colonialism:* toward a critical history. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

HOFF, Sara Luiza. *"Mas guardemos isso: não há língua má":* as línguas na teoria da linguagem de Benveniste. 287 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023.

JOSEPH, John; LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Lettres d'Émile Benveniste à Claude Lévi-Strauss (1948-1967). *Histoire Épistémologie Langagem,* Les Ulis Cedex A, v. 42, n. 1, p. 155-181, 2020.

LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste et les langues amérindiennes. *History and Philosophy of the Language Sciences*, 2013. Disponível em: https://hiphilangsci.net/2013/10/02/emile-benveniste-et-les-langues-amerindiennes-4. Acesso em: 29 nov. 2022.

LAPLANTINE, Chloé. Benveniste en Amérique. *In*: LAPLANTINE, Chloé. *L'Utopie de l'art,* Mélanges offerts à Gérard Dessons. Paris: Editions Garnier, 2020. Disponível em: https://hal.science/hal-02869434/document. Acesso em: 21 mar. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. *Revista X*, Curitiba, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. Disponível em https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142/43060. Acesso em: 29 mar. 2023.

MIGNOLO, Walter. *Looking for the Meaning of 'Decolonial Gesture'*.[s. l.][s.d.] Disponível em: https://hemisphericinstitute.org/es/emisferica-11-1-decolonial-gesture/11-1-essays/looking-for-the-meaning-of-decolonial-gesture.html#_edn1. Acesso em: 29 mar. 2023.

MILNER, Jean-Claude. *Le périple structural:* figures et paradigme. Lagrasse: Verdier, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar:* gênero, sexualidade, raça e classe social. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2022

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. L'oeuvre d'Émile Benveniste. *Linx***,** Paris, v. 26, n. 1, p. 15-26, 1992. Disponível em: www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1992_num_26_1_1234. Acesso em: 29 mar. 2023.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico:* Os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica:* linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

REZENDE, Tânia Ferreira *et al*. Por uma postura decolonial na formação docente e na educação linguística: conversa com Tânia Rezende. *GLAUKS* (UFV), Viçosa, v. 20, p. 15-27, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

SEVERO, Cristine Gorski. A invenção colonial das línguas da América. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 1, 2016. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7458. Acesso em: 25 jul. 2022.

SEVERO, Cristine Gorski. Pós-colonialismo e linguística: relação (im)possível? *In*: SEVERO, Cristine Gorski; ZOLIN-VESZ, Fernando (org.). *Linguagens e descolonialidades:* práticas linguageiras e produção de (des)colonialidades no mundo contemporâneo. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2017. p. 39-54.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TRABANT, Jürgen. *A linguagem, objeto de conhecimento:* breve trajeto pela história das ideias linguísticas. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

Artigo submetido em: 31 mar. 2023

Aceito para publicação em: 17 jun. 2023

DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.131392